

Fátima Vieira
Universidade do Porto

A verdade do socialismo segundo William Morris

Tive o privilégio de partilhar, no antigo edifício da Faculdade de Letras da U. P., na Rua do Campo Alegre, gabinete com a Margarida Losa. Recordo o período animada por um sentimento de gratidão, não só pela amizade com que a Margarida me honrou, mas também pelo tempo que sempre encontrou para escutar as muitas dúvidas que sempre assaltam todos quantos se dedicam à investigação científica. As longas conversas que com ela tive constituíram momentos importantes da minha formação. O seu gosto pelos estudos sobre a utopia, que eu subscrevia em absoluto, justificavam a nossa afinidade intelectual. Foi pelas suas mãos que eu descobri os textos dos anarquistas ingleses; incutiu em mim o fascínio pelo pensamento de Godwin; os seus comentários perspicazes e informados ajudaram-me a compreender melhor a obra de William Morris; uma boa parte da bibliografia que consultei para a minha dissertação de doutoramento foi-me por ela indicada. O texto que faço publicar neste volume de homenagem à Margarida Losa retoma, numa formulação bastante distinta, material que trabalhei para a minha tese de doutoramento sobre o utopismo de William Morris e evoca também, em certa medida, as conversas tidas no sofá verde do nosso gabinete, que sempre recordarei com saudade.

Falar de socialismo na Inglaterra vitoriana é tema complexo, porque o conceito de socialismo não tem, nesta época, um só referente. No início do século XIX o socialismo inglês tivera uma vocação quase unívoca na medida em que se apresentara como o fruto de uma tradição radical inglesa que, tendo germinado no século XVII, havia visto as suas bases teóricas definidas ao longo do século XVIII e culminado na década de 30 de Oitocentos nas propostas de reforma social e política de Robert Owen.¹ Tratara-se pois de um socialismo que, embora tivesse sofrido formulações diversas e beneficiado

¹ Como diz Bedarida, “entre 1830 e 1840 os termos *owenismo* e *socialismo* tornam-se sinónimos e intermutáveis” (Bedarida 1977: 363). Não quero com isto dizer que houvesse, na época, um só socialismo: na verdade, temos de reconhecer a força dos sindicatos socialistas que reivindicavam então uma reforma da sociedade em termos não absolutamente coincidentes com os planos de Owen. Contudo, quando recordamos o socialismo da década de 30 de Oitocentos, vem-nos essencialmente à memória a comunhão dos esforços owenistas e dos sindicatos socialistas entre 1832 e 1834, consubstanciada na reacção concertada e violenta às medidas repressivas ditadas pelo governo de Melbourne. Sobre o assunto, cf. *idem*, 420-31. Sobre a existência de uma tradição radical inglesa com início no século XVII e culminando em William Morris, cf. Ferreira 1996: 133.

de uma reflexão sobre a pertinência dos ideais iluministas da Revolução Francesa, era de formulação genuinamente inglesa. Já o socialismo vitoriano é bem mais cosmopolita nos seus referentes, acrescentando à fonte inglesa os temas que estiveram na base da polémica em que se encontrou envolvida a Comuna de Paris, a perspectiva materialista da história formulada por Marx e Engels, uma proposta de reforma da sociedade que obviasse à necessidade de uma revolução, formulada nos EUA e pregada em Inglaterra essencialmente pelos Fabianos, a convicção de que deve ser dada primazia aos interesses do indivíduo em relação à comunidade, promovida pelo russo Kropotkin, ou ainda as ideias socialistas formuladas no âmbito de partidos políticos diversos, de inspiração cristã. Todas estas influências levaram à formação de diferentes associações políticas que, ao longo de décadas, se acotovelaram debaixo do grande guarda-chuva socialista. Era esta uma situação confusa que, aos olhos de William Morris, necessitava de ser clarificada. Como o escritor ironicamente comenta na recensão crítica que publica em 1889 à utopia de Edward Bellamy, *Looking Backward*, o socialismo tornou-se uma moda em Inglaterra, um rótulo reclamado por muitos que lhe não conhecem a substância:

We often hear it said that the signs of the spread of Socialism among English-speaking people are both abundant and striking. This is true; six or seven years ago the word Socialism was known in this country, but few even among the educated classes knew more about its meaning than Mr Bradlaugh, Mr Gladstone, or Admiral Maxse know now – *i.e.*, nothing. Whereas at present it is fashionable for even West-end dinner-parties to affect an interest in and knowledge of it, which indicates a wide and deep public interest. (Morris, 1998: 353)

Na dissertação de doutoramento que apresentei à FLUP em 1997 procurei dar conta da forma como, sobretudo ao longo da década de 80 e no início da década de 90, Morris conferiu aos seus textos (quer aos de carácter panfletário, quer aos de feição ensaística ou ficcional) uma vocação didáctica no sentido de esclarecer o público acerca da natureza e dos objectivos do “verdadeiro socialismo”.² Analisei, então, a batalha que Morris travou em três frentes, primeiro contra os fabianos, depois contra os seus colegas socialistas da “Social Democratic Federation” e da “Socialist League” e, por fim, contra os anarquistas. Reflecti, na minha dissertação, sobre os principais textos em que Morris denunciava, de forma clara e directa, as estratégias políticas pregadas por homens que, na sua perspectiva, não mereciam o rótulo de socialistas, e procurei justificar a definição do “verdadeiro socialismo” de Morris à luz da doutrina marxista que o escritor passou a subscrever a partir de 1883.

No texto que hoje apresento proponho-me revisitar o tema da “verdade” do socialismo advogado por Morris, explorando a ideia de que, no cumprimento da sua missão didáctica da definição do verdadeiro socialismo, e de forma a captar a atenção de novos públicos, o autor terá recorrido a estratégias complementares da pregação do ideal marxista. O recurso a essas estratégias será facilmente compreensível se tivermos em conta o contexto em que se desenrolava a discussão política vitoriana finissecular, onde a simples menção do termo comunismo era, em regra, considerada altamente subversiva e por isso preliminarmente repudiada. Foi aliás por ter consciência dessa situação que

² “True Socialism” e “pure Socialism” são expressões que pontuam os textos de Morris.

Morris reservou a revelação de que a sociedade ideal descrita em *News from Nowhere* era comunista apenas para o capítulo XIV da obra, depois de o leitor ter tido a oportunidade de constatar que os ingleses do futuro viviam num autêntico paraíso social. Nesse capítulo, Morris não resiste a tecer, pela boca do velho Hammond, um comentário sarcástico às ideias pré-concebidas do público pouco informado em relação à verdade do comunismo:

A terrible tyranny our Communism, is it not? Folk used often to be warned against this very unhappiness in times past, when for every well-fed, contented person you saw a thousand miserable starvelings. Whereas for us, we grow fat and well-liking on the tyranny; a tyranny, to say the truth, not to be made visible by any microscope I know. Don't be afraid, my friend, we are not going to seek for troubles by calling our peace and plenty and happiness by ill names whose very meaning we gave forgotten! (Morris 1998: 121)

A hipótese de trabalho que me proponho examinar neste texto parte do pressuposto de que a insistência, por parte de Morris, na definição do “verdadeiro socialismo”, encontra eco – e inscreve-se pois nessa medida na mesma linha de significação – numa série de textos onde o autor, apesar de não mencionar explicitamente a ideologia marxista, se lhe refere de forma sub-reptícia, através da alusão ao conceito de verdade. A metodologia que utilizarei para a verificação desta hipótese será a da análise, por ordem cronológica, de alguns dos mais significativos textos de Morris em que a “verdade” assume estatuto de adjectivação dos conceitos à volta dos quais o escritor constrói o seu edifício socialista. Procurarei, por fim, demonstrar, que esses textos são as peças do *puzzle* que, quando completo, nos oferece o retrato da única e verdadeira sociedade.

* * *

Antes de passar à consideração dos textos em que a referência ao conceito de verdade nos remete para níveis mais complexos de leitura, julgo ser importante referir-me àqueles em que Morris claramente subscreve e recomenda a ideologia marxista. Fálho-ei no entanto de forma sumária e com o único intuito de tornar evidente o contraste entre a sutileza de uns textos e o tom directo e terminologicamente inequívoco de outros. Neste sentido, justifica-se a referência a um dos primeiros documentos em que o autor assume claramente a lógica do pensamento marxista; trata-se de uma carta endereçada a C. E. Maurice a 1 de Julho de 1883, onde Morris afirma que “(...) the antagonism of classes, which the system had bred, is the natural and necessary instrument of its destruction” (Morris, 1986: 137). É ainda o raciocínio marxista que conduz Morris, quatro meses mais tarde (a 14 de Novembro), a escrever “Art and Plutocracy”, onde afirma *saber* que, no futuro, a *competição será substituída pela associação* no que respeita à produção e modo de vida, e que essa certeza lhe advém da sua visão socialista da história (C. W. XXIII: 172-3).³ A subscrição do materialismo dialéctico de Marx aflora, entre muitos outros possíveis exemplos, na carta que Morris escreve a

³ Refiro-me aos *Collected Works of William Morris*, publicados pela Routledge em 1992. Doravante utilizarei a sigla C.W para me referir a esta obra, seguida da indicação do número do volume e das páginas em causa.

Robert Thompson (a 24 de Julho de 1884), onde ele apela à intervenção dos indivíduos no sentido de acelerarem o processo irreversível de evolução histórica:

We *can't* say, if this is the evolution of history, let it evolve, we won't help. The evolution will force us to help: will breed in us passionate desire for action, which will quench the dread of consequences... (Morris, 1986: 138)

De uma forma geral, em todos os textos que escreve após 1883, é a perspectiva marxista que Morris avança em relação a vários temas: no que respeita à crítica da divisão do trabalho na sociedade capitalista (“Architecture and History”, 1884 [C.W.XXII: 309]); à noção de lucro que promove o espírito competitivo nos homens (“Dawn of a New Epoch”, 1886 [C.W.XXIII: 138]); à necessidade de se educar o povo para a Revolução (*Commonweal*, Março de 1886 [Morris, 1986: 148]); ao repúdio da ideia de reforma e reivindicação da necessidade absoluta de um recomeço (“How We Live and How We Might Live, 1888 [*idem*, 158]); a uma visão crítica e histórica da evolução do sistema de produção desde a Idade Média (“Art and his Producers”, 1888 [C.W.XXII: 345-9]). Mas não é só na descrição do caminho para a Revolução que Morris adere ao discurso marxista; também a definição do comunismo como uma fase mais avançada e aperfeiçoada da sociedade socialista ecoa a diatribe de Marx, em *Crítica do Programa do Partido Operário Alemão*, contra insuficiências da fase pós-revolucionária que ele descreve como a da *ditadura do proletariado* (C.W.XXIII: 235-7). A já famosa asserção de Graham Hough de que, nas suas palestras, Morris mais não faz do que expor a teoria marxista em bom inglês, parece pois encontrar fundamento nos exemplos que acima aponte (Hough, 1961: 106).

Contrastando com estas referências explícitas à teoria marxista, encontramos na obra de Morris, como atrás expus, a alusão recorrente ao conceito de “verdade”. Nos textos em que claramente define o socialismo-comunismo como a única solução possível para a construção de uma sociedade justa, o conceito é utilizado para qualificar esse ideal. Como o próprio escritor afirma em “Communism” (1893), é um **“true and complete socialism”** o que ele advoga. Nas linhas que se seguem, procederei a um levantamento das ocorrências do qualificativo “verdadeiro” (“**true**”) que me parecem mais significativas, para depois poder reflectir sobre a forma como, pelo estabelecimento de uma complexa rede de analogias, Morris nos fornece um retrato completo da sociedade ideal.

A primeira referência ao conceito de verdade que me parece digna de menção, nos ensaios que Morris escreve após a sua conversão ao marxismo, regista-se em “Useless Work *versus* Useless Toil” (1884). Neste texto, é a própria sociedade que é adjectivada, em função de dois parâmetros. O primeiro é o da igualdade social:

Thus, at last, would **true Society** be founded. It would rest on equality of condition. No man would be tormented for the benefit of another – nay, no one man would be tormented for the benefit of Society. Nor, indeed, can that order be called Society which is not upheld for the benefit of every one of its members. (C.W.XXIII: 106 – negrito meu)

O segundo parâmetro é o da utilização dos avanços tecnológicos proporcionados pela Revolução Industrial em benefício do homem, poupando-o ao desgaste físico:

In a **true society** these miracles of ingenuity would be for the first time used for minimizing the amount of time spent in unattractive labour, which by their means might be so reduced as to be but a very light burden on each individual. (C.W.XXIII: 117 – negrito meu)

A ideia que é pois veiculada por este texto é a de que a verdadeira sociedade é aquela que assegura igualdade total, organizando-se em função de uma lógica que não é a capitalista, já que a máquina, em vez de escravizar o homem, é posta ao seu serviço.

O texto que William Morris assina em 1887, “True and False Society”, estabelece, de forma mais clara, os parâmetros morrissianos para a determinação do que é a verdadeira sociedade. Na perspectiva de Morris será verdadeira a sociedade que realize as suas “verdadeiras funções” (“**true functions**”), isto é, que providencie que todos os indivíduos tenham trabalho, que todos tenham a sua quota da riqueza resultante desse trabalho e que o trabalho realizado seja útil à sociedade (C. W. XXIII: 216-7). A constatação de que a sociedade finissecular vitoriana não tem em conta essa tríade de funções leva Morris à constatação da sua falsidade (*idem*, 228). Nesse mesmo ensaio, o escritor faz coincidir o conceito de verdadeira sociedade (“**true society**”) com o de verdadeira comunidade (“**true community**”), regendo-se pela lógica da possibilidade da asserção dos direitos e da personalidade do indivíduo no seio de uma sociedade onde tudo é de todos (*idem*, 233).

“The Art and Crafts of Today”, que William Morris publica em 1889, pela recorrente utilização do adjetivo “true”, estabelece uma rede de nexos mais alargada e complexa. Partindo do pressuposto, aliás reiteradamente afirmado ao longo de toda a sua obra, de que “the function of art is to make labour pleasurable”, Morris defende a ideia de que numa sociedade onde todos possam ser artistas o trabalho deixará de ser encarado como uma maldição (“a curse”) para ser visto como uma benção. A lógica do raciocínio morrissiano assenta pois neste passo na defesa da correlação indispensável entre as ideias de trabalho e de “**true happiness**” (C. W. XXII: 358). Ainda nesse texto, num desenvolvimento espiralado da qualificação do que é verdadeiro (tendo sempre como contraponto o que é *falso*), o escritor procede à definição daquilo que considera ser a verdadeira obra de arte: “the complete work of applied art, the **true unit of the art**, is a building with all its due ornament and furniture” (*idem*, 359). Lançada esta plataforma de raciocínio, os referentes da verdade vão-se multiplicando neste ensaio de Morris, passando-se do plano da verdadeira arte para o da verdadeira sociedade:

This is the **true work of art** – I was going to say of genuine civilization, but the word has been so misused that I will not use it – the **true work of art**, the **true masterpiece**, of reasonable and manly men conscious of the bond of **true society** that makes everything each man does of importance to every one else. (C. W. XXII: 360-1)

No final desse ensaio, uma outra ocorrência do qualificativo “verdadeiro” deverá ser registada, dado o carácter abrangente do seu referente. Nesse passo, o discurso de Morris torna-se explicitamente político na defesa da ideia (contrariada por tantos grupos ditos socialistas) de que os momentos de mudança (Morris tem em mente naturalmente a ideia de revolução) não implicam, apesar da destruição que possam operar, um movimento de regressão mas de franco progresso social (“**a true line of progress**” [C. W. XXII: 371]). Na minha perspectiva, esta é uma ideia que merece ser destacada não só pela sua importância na medida em que abarca e, dessa forma, circunscreve o campo de acção de todos os anteriores referentes, mas também pelo carácter profundamente inovador do conceito de progresso espiralado da história que Morris (juntamente com

Belfort Bax) define, deixando antever reformulações posteriores da teoria marxista da evolução histórica.⁴

Ainda em 1889, Morris assina um texto que é hoje tido pela crítica morrissiana como o seu manifesto mais importante da essência do socialismo e do utopismo. Refiro-me à recensão crítica à utopia de Edward Bellamy, *Looking Backward*, que Morris faz publicar no jornal socialista que financia e dirige, o *Commonweal*. Este é texto de intenção marcadamente didáctica, onde Morris se empenha em explicar que a estratégia nacionalista de Bellamy é animada por um raciocínio errado, o de que o sistema capitalista, assente na ideia de competição, quando levado ao seu extremo terá como consequência e único resultado possível a concentração dos meios de produção nos organismos do Estado. Por outras palavras, o que Morris denuncia no pensamento de Bellamy é o pressuposto de que o capitalismo poderá ser o caminho pacífico para o socialismo.

De todos os textos de Morris, este é talvez aquele em que a rede de significados que constrói em torno do conceito de verdade se torna mais óbvia. De facto, torna-se claro que quando Morris fala de “**true communism**” (Morris 1998: 358) tem em mente não apenas a visão marxista da evolução histórica mas o modo de vida que ele considera verdadeiro e que se encontra ausente da sociedade ideal descrita por Bellamy: “**True communism**” equivale a “**true life**”, e “**true life** implies free and equal life” (*idem*, 356).

Para entendermos o que Morris entende por “verdadeira vida” teremos de nos deter, ainda que brevemente, na ideia de liberdade que ele aqui enuncia. O conceito de liberdade no âmbito do pensamento morrissiano é demasiado complexo para poder ser resumido em breves linhas, constituindo sem dúvida matéria para um trabalho distinto do que me propus levar a cabo neste texto. Limitar-me-ei, por isso, a lançar o pressuposto que por ora me interessa ter em conta, o do facto de Morris não inscrever o conceito de liberdade num plano estritamente político. Por outras palavras, o que pretendo dizer é que a liberdade política (associada à ideia de igualdade) é perspectivada por Morris não como um objectivo em si mesmo, mas como a plataforma indispensável a partir da qual uma outra forma de liberdade se poderá afirmar: a liberdade de o homem se assumir como um ser criativo e, desse modo, afirmar a sua humanidade. Assim se entende a asserção de Morris de que “**variety of life** is as much an aim of **true Communism** as **equality of condition**” (*idem*, 358). E como, por sua vez, a ideia de “variedade de vida”, no pensamento de Morris, se encontra ligada à da criatividade e prazer no trabalho, não nos deverá surpreender uma outra ocorrência, neste texto, do conceito de verdade, desta feita associado à ideia de felicidade, numa lógica de pensamento já enunciada nos ensaios de Morris que acima analisei: “(...) it cannot be too often repeated that the **true incentive** to useful and happy labour is and must be **pleasure in the work itself**” (*idem*, 357).

⁴ A ideia da concepção espiralada do progresso histórico que normalmente é associada ao marxismo é formalmente definida em texto por Engels e por Lenine apenas no início do século XX, respectivamente em 1908 e 1925. Nesse sentido, as teorias formalmente expostas por Morris e por Bax no *Manifesto* que escrevem para a “Socialist League” em 1885 são claramente avançadas para a época. Contudo, como Jack Lindsay faz notar, Morris e Bax não terão chegado à ideia da concepção espiralada da história sozinhos, tendo sem dúvida beneficiado das conversas que terão tido com Engels na época em que estavam a redigir o *Manifesto* da “Socialist League”. Sobre o assunto, cf. Lindsay, 1978: 21.

A lógica do raciocínio de Morris que tenho vindo a examinar neste trabalho assenta pois na construção de uma rede de analogias daquilo que o escritor considera verdadeiro: o socialismo verdadeiro pressupõe a construção de uma verdadeira sociedade; é verdadeira a sociedade que proporcione aos indivíduos uma igualdade de condições e os liberte da escravidão do trabalho industrial de forma a que possam realizar trabalho útil; é verdadeira a sociedade que substitua o conceito de competição pelo de associação; é verdadeira a sociedade constituída por uma verdadeira comunidade, e apenas nesta poderá ser desenvolvido o verdadeiro trabalho – a verdadeira arte – que poderá assegurar a verdadeira felicidade. E é esta, afinal, a única e verdadeira linha de progresso.

Morris reitera estas ideias em muitos outros textos que me abstenho de analisar aqui com minúcia para evitar o risco de repetição. Creio que valerá a pena, contudo, e para dar uma ideia da forma como a noção de verdade se afirma como princípio organizador do ideal morrissiano, registar pelo menos mais duas ocorrências que me parecem importantes. Encontramos a primeira no Prefácio que Morris escreve a *The Nature of Gothic*, de John Ruskin (1892), onde afirma, na lógica das suas reflexões anteriores sobre a arte, que “the element of sensuous pleasure (...) is the essence of all **true art**” (Morris, 1998: 369); mas também “How I Became a Socialist”, texto que Morris publica no periódico *Justice* em 1894, merecerá ser referido na medida em que, apesar das ressonâncias políticas que claramente emanam do título, o conceito de verdade se reporta, uma vez mais, a um ideal de vida (“**a true ideal of a full and reasonable life**”) que Morris define em termos da indispensabilidade da criação artística (Morris, 1998: 383).

* * *

No início deste texto defini como hipótese de trabalho a ideia de que a insistência morrissiana (em quase toda a obra do autor posterior a 1883), na necessidade de definição do que é o verdadeiro socialismo era apoiada pela recorrente descrição de outros referentes que Morris considerava igualmente verdadeiros. Após o levantamento desses referentes e a reflexão oportuna sobre o contexto em que eles foram enunciados, creio que estão criadas as condições para chegarmos a algumas conclusões. A primeira – e a mais óbvia – e que foi anunciada num momento anterior deste trabalho, é a de que Morris terá insistido na verdade de outros referentes intimamente ligados ao ideal socialista de forma a evitar a ostentação de rótulos que poderiam desencorajar possíveis subscritores do seu ideal social. A segunda conclusão prende-se com a própria natureza do marxismo de Morris e apoia-se na constatação de que, apesar de todo o engajamento político do escritor (ele foi, de facto, um dos maiores divulgadores do pensamento de Marx na Inglaterra vitoriana), o seu ideal era mais social do que político. Pretendo com isto dizer que a utilidade que Morris encontrou na teoria marxista foi a da perspectivação da evolução histórica que ela lhe proporcionou, isto é, a certeza de que a sociedade caminhava para uma situação de transformação irreversível. Mas o verdadeiro ideal morrissiano era social, no sentido em que o que preocupava o autor eram as relações entre os indivíduos, o sentido de comunidade, o prazer da criação como a mais sublime capacidade do homem e prova da sua humanidade. Refiro-me, no fundo, à ideia que se tornou já num lugar comum na crítica morrissiana, de que Morris terá

sido conduzido aos ideias socialistas motivado pela sua preocupação com o estado moribundo da arte na Inglaterra industrial.

Mas creio que o levantamento a que procedi dos vários referentes do conceito de verdade na obra de Morris, pela complexa rede de significados que desvenda, nos poderá conduzir ainda mais longe na perspectivização do ideal do escritor. Creio que a chave para a compreensão da verdadeira natureza do socialismo de Morris poderá ser encontrada no título do artigo que assina para o periódico *New Review*, em 1891 (“The Socialist Ideal: Art”), e, de forma ainda mais explícita, no parágrafo de abertura:

I assert first that Socialism is an all-embracing theory of life, and that as it has an ethic and a religion of its own, so also it has an aesthetic: so that to every one who wishes to study Socialism duly it is necessary to look on it from the aesthetic point of view. And, secondly, I assert that inequality of condition, whatever may have been the case in former ages of the world, has now become incompatible with the existence of a healthy art. (C.W. XXIII: 255)

Note-se que embora o título deste artigo tenha um efeito redutor – na medida em que Morris faz coincidir o continente (o socialismo) com o conteúdo (a arte) – o movimento esboçado pelo parágrafo inicial é de natureza exactamente contrária, exibindo uma franca vontade de abertura. Ao definir o socialismo como uma “all-embracing theory of life”, Morris torna claro o motivo que o conduziu a falar, em tantos textos e de forma tão dispersa, de tantas verdades (a do socialismo, a da vida, a da arte, a da comunidade...): é que, no fundo, todas essas verdades se resumem a uma só, a da possibilidade de se levar uma vida digna e feliz. É esse, afinal, o significado de “**true life**”. E nesta rede de analogias e intertextualidades que neste trabalho tentei examinar, poderemos encontrar a clarificação de duas falas de dois textos ficcionais de William Morris. O primeiro é *A Dream of John Ball* (1887),⁵ onde a definição da “verdadeira vida” (leia-se “verdadeira sociedade”, “verdadeira comunidade” e todos os outros referentes que surgem normalmente associados ao conceito de verdade) é dada de forma explícita pelo líder dos revolucionários: “fellowship is heaven, and lack of fellowship is hell: fellowship is life” (C.W. XVI: 230). Esta rede de nexos que Morris vai estabelecendo à medida que vai construindo a sua obra permite-nos igualmente compreender a verdade da afirmação de Ellen, a guia de William Guest em *News from Nowhere*. A frase que Ellen profere – “I love life better than death” (Morris, 1998: 182) – não é senão uma outra forma de dizer “eu prefiro o socialismo-comunismo (com todas as suas verdades) ao capitalismo”. Mas esta é uma interpretação a que o leitor da obra de Morris poderá chegar apenas se encarar cada um dos seus textos, cada uma das suas afirmações, cada uma das suas verdades, como uma das múltiplas pinceladas que compõem o retrato da sociedade que o escritor nos quis oferecer como ideal.

⁵ *A Dream of John Ball* foi publicado em fascículos no periódico *Commonweal* em 1887, tendo surgido sob a forma de livro em 1888, juntamente com *A King's Lesson*.

BIBLIOGRAFIA

- BEDARIDA, F. (1977), "O Socialismo em Inglaterra até 1948", *História Geral do Socialismo*, Org. J. Droz, vol. 2, Lisboa, Horizonte.
- FERREIRA, J. C. (1996), "William Morris e 'The Englishman's Birthright': Reflexões sobre o Conceito de Cidadania", *William Morris: A Celebration of World Citizenship (1896-1996): Actas do Colóquio*, Org. Hélio Osvaldo Alves, Braga, Universidade do Minho.
- HOUGH, Graham (1961), *The Last Romantics*, London, Methuen; New York, Barnes & Noble.
- LINDSAY, J. (1978), *William Morris: Aspects of the Man and his Work*, Ed. P. Lewis, Loughborough, Loughborough Victorian Studies Group.
- MORRIS, William (1986), *News from Nowhere and Selected Writings and Designs*, Ed. Asa Briggs, Harmondsworth, Penguin.
- _____ (1992), *The Collected Works*, vols. XVI. XXII, XXIII, London, Routledge/ Thoemmes Press.
- _____ (1998), *News from Nowhere and Other Writings*, Ed. Clive Wilmer, Harmondsworth, Penguin.

